

DOI: 10.22476/revcted.v6.id476

ISSN: 2447-4223

## TEMPOS DE CONSTRUÇÃO: UM DIÁLOGO AMOROSO COM PAULO FREIRE E SEU PENSAMENTO

**Luci Guidio**

 <http://orcid.org/0000-0002-9832-979X>

E-mail: [guidiogm@icloud.com](mailto:guidiogm@icloud.com)

**Submetido em:** 05/10/2020

**Aceito em:** 09/11/2020

**Publicado em:** 31/12/2020

### Resumo

O texto apresenta o processo formativo vivido na gestão Paulo Freire em São Paulo a partir da problematização da prática docente, do diálogo permanente e da formação das(os) educadoras(es) para a implementação da política de construção curricular emancipatória.

**Palavras-chave:** Construção Curricular.

## CONSTRUCTION TIMES: A LOVING DIALOGUE WITH PAULO FREIRE AND HIS THOUGHT

### Abstract

The text presents the formative process experienced in the Paulo Freire administration in São Paulo from the problematization of the teaching practice, the permanent dialogue and the training of the educators for the implementation of the emancipatory curriculum construction policy.

**Keywords:** Curricular Construction.

## TIEMPOS DE CONSTRUCCIÓN: UN DIÁLOGO AMOROSO CON PAULO FREIRE Y SU PENSAMIENTO

### Resumen

El texto presenta el proceso formativo vivido en la administración Paulo Freire en São Paulo a partir de la problematización de la práctica docente, el diálogo permanente y la formación de los educadores para la implementación de la política de construcción curricular emancipadora.

**Palabras clave:** Construcción curricular.



São Paulo, setembro de 2020.

Querido Professor Paulo Freire,

Que prazer! Que alegria!

Saudades ...

Parabéns pelos seus 100 anos!

Saudade também de 1989, ano marcado pela possibilidade política de sonhar e realizar a educação democrática! Uma trabalhadora, mulher nordestina eleita em São Paulo! Dessa forma inicia meu registro aqui e meu desejo de compartilhar uma experiência vivida, um processo de formação, juntamente com uma política de implementação do currículo participativo.

Nesse ano, eu estava trabalhando como professora nas séries iniciais da EMPG Olegário Mariano, ensinando as crianças a ler e escrever as palavras, juntá-las e separá-las quando recebemos a notícia que o Sr. assumiu a Secretaria Municipal de Educação.

Com sua chegada foram criados os NAEs, Núcleos de Ação Educativa, os conselhos de escola com representação de famílias, docentes e estudantes. Aos poucos, nos tornávamos um espaço organizado de modo a aprender a exercer o direito da liberdade, da expressão de pensamento. Já não precisávamos mais esconder ideias progressistas! A pedagogia pautada no seu pensamento) era por nós construída com alegria e compromisso. Essa construção não era consenso! Muitos colegas não participaram.

Na sua gestão pudemos verbalizar a palavra Política e pensar o que essa palavra transformada em ação, poderia transformar a escola e a vida dos meninos e meninas que conseguiam o acesso a escola pública.

Com a ajuda da memória vou contar nas linhas que seguem, como se deu minha participação na reorientação curricular dessa cidade grande, diversa e desigual chamada São Paulo.

O processo reflexivo e permanente de ação, reflexão e ação é um movimento indicativo que essa carta, longe de ser teórica, mas dialógica, deve apresentar como um momento histórico que hoje resiste em muitas práticas da escola pública, a qual defendo e acredito.



E para expressar esse fazer pedagógico, científico, crítico e, portanto, humano, utilizo um ensinamento freireano, que diz: *“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”*

Algumas inquietações me acompanharam e tornaram possível essa afirmação e a reorganização coletiva da escola, seu planejamento e seu papel social:

O que seria ação política no fazer da prática educativa?

Qual era minha realidade como professora?

Como foi organizado o conhecimento a partir da reflexão crítica dessa prática e como esse conhecimento se aplicaria na Rede Municipal de Educação de São Paulo, especificamente no NAE 6, Núcleo de ação Educativa, região da Capela do Socorro?

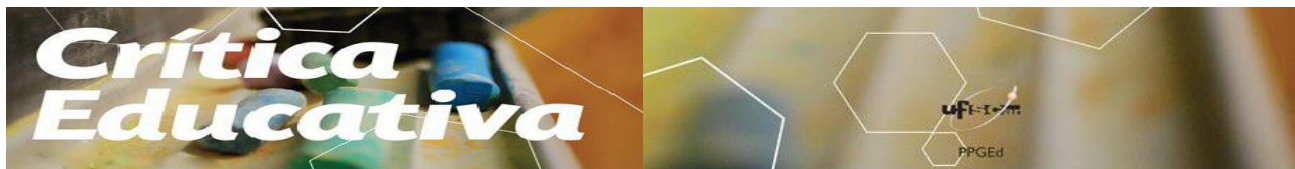
Então, peço licença para relatar livremente como essas memórias marcaram minha trajetória de professora/estudante, já declarando que conforme escrevo vou sentindo saudades da sua presença e dos seus ensinamentos.

E olha professor, não é uma saudade romântica, sem precedentes de desafios. É uma saudade de encontros, de lutas, de ouvir e ser ouvida. De intervenções críticas na realidade desumana que se acentua com o pensamento que representa o atual momento político, inclusive seu nome vem sendo desrespeitado, o povo vem sendo silenciado.

Na sua gestão, ou melhor, na nossa gestão, a participação das escolas era premissa na construção do currículo. Hoje professor, o que foi utopia realizada, encontra-se fortemente em risco. Estamos com a vida e os direitos ameaçados!

Estamos lutando! Resistir passa a ser a ordem do dia e da noite.

Falar de luta, política e presença no mundo me remete a contar aqui que o livro Pedagogia do Oprimido foi muito relevante no processo formativo dessa narradora. Compreendê-lo a partir de uma necessidade, diria eu, ontológica fez toda diferença, pois ele foi um conteúdo necessário de problematização da prática. Continua tão atual! Nós, que participamos da sua gestão (Paulo Freire) o chamamos carinhosamente de POP.



Compromissada com essa pedagogia aceitei o desafio de escrever essa carta e com ela compor com tantas outras pessoas, uma homenagem que vai além de celebrar Paulo Freire, se torna uma forma de registrar a esperança e resistência conforme nos apresenta Gramsci.

Continuando a olhar minhas memórias nesse contexto a primeira coisa que veio em minha lembrança foi a sala de aula, um segundo ano, crianças de 8 anos. Era o ano de 1991. Essa turma possibilitou que saboreássemos a prática de uma educação libertadora, transformadora e alegre. Acho importante que a alegria permeie o trabalho.

Com essas crianças, me predispus a aprender a perguntar, a saber com elas o que conheciam e o que eu não conhecia.

Até então eu só ensinava, depositava nelas tudo aquilo que eu aprendera no magistério. O conteúdo já estava prescrito e o resultado já era esperado! Era como se o mundo não se movesse, não houvesse mudanças geográficas, históricas. Alguém pensava e outros executavam. A professora passava conteúdos e as crianças reproduziam, repetiam, copiavam, a escola formava para se manter essa ordem. Ordem necessária para se manter o capital, as classes hegemônicas.

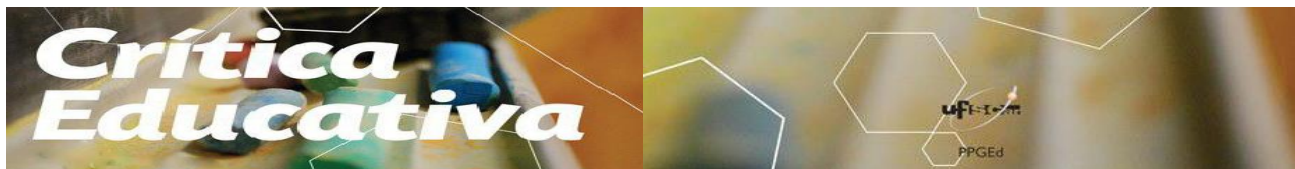
Eu, como a maioria das professoras, realizava mecanicamente essa função, até que em 1990 começamos a receber na escola um grupo, uma equipe composta por educadores que tinham um trabalho diferenciado em suas escolas e que por isso compunham as Equipes dos NAEs. Esse povo tinha por objetivo fazer a reorientação curricular.

Com os encontros formativos, estava eu mergulhada nesse processo de resignificar minha prática. Não foi fácil!

Como filha de pedreiro e lavadeira de roupas, revoltada com a sociedade desigual, onde poucos com muito dinheiro e oportunidades, muitos na pobreza, não havia ainda questionado o papel da escola sobre essa condição.

As contradições daquilo que eu apresentava como injustiças apareceram conforme predispunha a colocar minha prática a favor das crianças, da igualdade social e econômica.

O que eu estava propondo em meu trabalho que possibilitasse as crianças pensar sua própria condição e existência no mundo? Que práticas revelavam a manutenção de mecanismos de desigualdade e opressão?



Decorar a tabuada, separar as sílabas, copiar textos, saber o nome dos rios, saber o nome das coisas, tudo mecanicamente. Olha professor, tinha dias que eu não sabia o que fazer e nesses dias o meu planejamento era a negação do conteúdo pronto e acabado que as crianças apenas tinham que aceitar. A minha dificuldade estava atrelada a ausência de experiências democráticas vivenciadas.

Quando criança, na escola não nos perguntavam sobre nossas vivências no bairro, na casa, na rua. Como se nós, crianças, fossemos um ser apenas do futuro, um vir a ser. E no movimento de reorientação curricular questionamentos sobre o papel social da escola, como esta contribuía para a manutenção do capital, para a competitividade, levava o coletivo a criar condições para que as crianças e educadores aprendessem a fazer a leitura de mundo, aquela necessária para que a transformação social aconteça.

Já não aceitava propor exercícios meramente mecânicos e também nós, muitos educadores, já não aceitávamos mais cumprir com programas padronizados ou vindos de cadernos amarelados de anos anteriores.

Lembro de termos o apoio da equipe pedagógica, nos reuníamos para pensar e ressignificar a prática a luz de autores revolucionários, marxistas.

A Educação transmissiva, aquela bancária que sabíamos teoricamente estava impregnada em nossos fazeres, mas o exercício da pergunta e a busca de respostas significativas nos davam elementos para a construção de nossa autonomia e de nossos alunos.

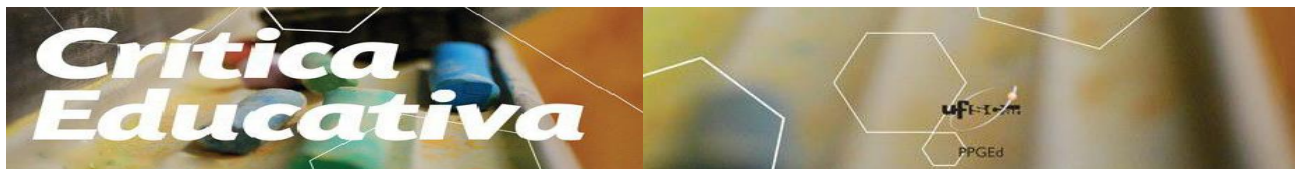
Uma sociedade justa e igualitária era nosso objetivo! O currículo tinha que estar voltado para desconstruir os saberes que tratavam de manter o elitismo e o autoritarismo. Conhecer a realidade daquelas crianças era fundamental.

Conhecer o bairro, as famílias, o comércio, a história, a geografia... sistematizar, categorizar e finalmente compor o currículo necessário para transformar a realidade.

Lembro de uma semana chuvosa que fomos percorrer o bairro com as crianças, observamos que as caçambas de lixo da favela estavam todas viradas para baixo e o lixo se encontrava sobre elas. Alguns professores falavam que a comunidade não merecia investimentos, destruíam tudo e que estavam nessa situação porque queriam, gostavam de viver no lixo.

Esse assunto pautou nossas discussões. Essas falas foram problematizadas, analisadas e tornou-se o Tema Gerador da escola: Falta de Saneamento Básico.





Perguntei para as crianças por que as caçambas estavam daquele jeito. Responderam que ficavam assim porque daquela forma não enchiam de água e os sacos não saiam boiando...

Enfim, a nossa aula teria que atender as necessidades dos seres humanos moradores daquele bairro, dessa cidade. O quanto de conhecimento havia ali! O currículo então era a partir da realidade. E nesse sentido, o currículo faz o enfrentamento das desigualdades.

Participar dessa reorganização curricular permitiu-me compreender que o ato educativo compreende o ato de estudar e que estes não são mágicos, mas passam por processos de construção e reconstrução de saberes. Os saberes necessários à prática educativa caminham paralelamente aos saberes dos educandos. A nossa presença no mundo deve estar atuante na construção curricular.

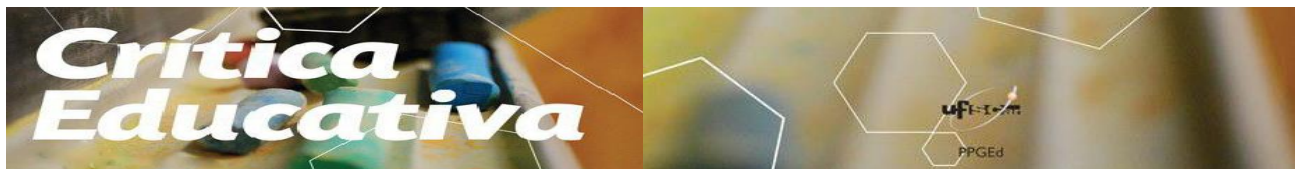
Nesse ano, aconteceu o encontro das Escolas do NAE 6. Fui chamada para ajudar na organização do encontro e fazer um relato da minha experiência. Era a primeira vez que falaria em público, que compartilharia o trabalho realizado com as crianças e como havíamos chegado ao Tema Gerador. Uma professora em formação, sempre!

Esse percurso, acredito eu, levou-me a uma proposta para compor a Equipe Pedagógica denominada Alfa Inter!

Fiquei assustada e insegura com a proposta, pois sabia que sofreria preconceito, “uma professorinha vinha ensinar a gente”, fala reveladora de que o conhecimento está em posse só de alguns, é elitista e hierárquico.

Essa nova perspectiva de atuar na formação foi acolhida e minha ação seria partilhar junto às escolas aquilo que eu estava construindo como conhecimento. Tentei escapar do convite, mas os colegas do NAE 6 tinham argumentos convincentes, aqueles que nos convocam a revolucionar, a buscar através da educação, a realização da utopia onde aqui peço emprestado o pensamento de Boaventura Souza Santos que diz ...temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.

Ah! Nesse interim, lembro-me de ter em uma passagem engraçada... pensava que tinha que ser filiada ao PT para trabalhar na equipe, e eu não era..., mas me disseram, você é parte dos trabalhadores.... Verdadeiramente estou sempre com as trabalhadoras e a favor delas e deles.



Então, passei a frequentar as Unidades escolares com mais dois colegas, sendo o meu desafio contribuir na construção de um currículo crítico, emancipador via Tema Gerador.

Fui aprendendo a problematizar, encontrar as contradições. Não era tranquilo construir a rede temática, a rede de relações entre uma área do conhecimento e outra. Os limites explicativos era a gestação do conteúdo. O conteúdo nascia para dar conta daquilo que seria de fato importante para transformar a realidade dos filhos e filhas dos e das trabalhadoras.

Caminhando para a despedida, percebo que poderia dar um tom mais político na conversa, trazer citações bibliográficas, ilustrar essa carta com mais exemplos, torná-la talvez um documento teórico. E para tal recomendo fortemente a leitura do capítulo 3 do livro já mencionado anteriormente de sua autoria, *Pedagogia do Oprimido*, 18ª edição, como também *Pedagogia da Autonomia* - saberes necessários a prática educativa, literatura fundamental nos dias de ontem e de hoje.

Quero terminar a prosa mas, as falas significativas que carecem de um olhar atento e um diálogo planejado, habitam coerentemente em uma situação que quero marcar nesse diálogo. Recentemente, uma criança de 4 anos ao ser repreendida por uma professora por não ter dado descarga no banheiro da escola, respondeu: “mas professora eu não fiz coco, eu só fiz xixi. “

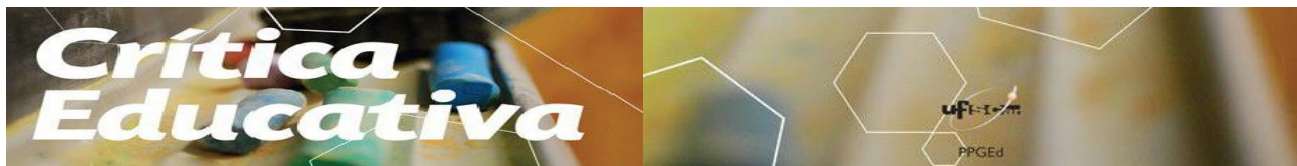
Quais perguntas podemos fazer para essa fala? Qual o limite explicativo dessa fala? É uma fala significativa? Para quem, por quê?

Na casa dessa criança, o combinado era dar descarga só quando fizesse coco, a água só chegava na torneira uma ou duas vezes na semana, quando chegava. Precisamos reconhecer o estudo da realidade e os conhecimentos decorrentes deles. Essa é a premissa de uma educação libertadora e participativa!

A presença das crianças nessa finalização declara uma paixão metodológica em constante diálogo com Paulo Freire.

Agradeço a oportunidade de mais essa experiência e coloco-me a disposição para esclarecimentos!

Carinhosamente, dedico esse momento de escrita, que me proporciona memórias visuais, aos meus colegas de profissão, sobretudo aos do período de 89/92, aos estudantes da mesma época,



cuja recordação está materializada através de um álbum que guardo até hoje com poucas fotos e uma lista assinada pelas próprias crianças, objeto esse de afeto que inspirou essa carta relato.

E assim, despeço-me saudosa das tuas lições de amor a vida com um pedacinho de Eduardo Galeano, oferecendo aos mestres freireanos que brotaram de ti!!

*“Se não nos deixarem sonhar, não vos deixaremos dormir.”*

### **Referências**

FREIRE, Paulo R. N. *Pedagogia do oprimido* (18ª ed.). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

FREIRE, Paulo R. N. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.